



REDAÇÃO

com **Fernanda Pessoa**

**Teóricos magníficos e atuais para você escolher
de acordo com o assunto do tema**

TEÓRICOS MAGNÍFICOS E ATUAIS PARA VOCÊ ESCOLHER DE ACORDO COM O ASSUNTO DO TEMA

ECONOMISTA LADISLAU DOWBOR (VIVO)



A grande riqueza e a grande pobreza são igualmente patológicas para a sociedade – Economista **Ladislau Dowbor**.

O combate à desigualdade é uma necessidade ética. Não é concebível que no século XXI tenhamos manifestações trágicas de pobreza e miséria. O básico, em uma sociedade civilizada, não pode faltar a ninguém.

É uma questão elementar de decência humana. A dimensão ética se apresenta tanto no sofrimento dos pobres, que não são responsáveis pela sua pobreza, como na prepotência da maioria dos ricos, que vivem de rentismo improdutivo e da corrupção política.

Sai mais barato tirar as famílias da miséria e acabar com a pobreza do que arcar com as consequências em termos de doenças, insegurança e baixa produtividade, além do sofrimento gerado.

É bom senso, não é caridade. Ampliar o bem-estar funciona para todo mundo.

O aumento de renda nas famílias pobres gera melhoria radical da qualidade de vida e muita felicidade. Um milhão a mais nas mãos do milionário gera apenas mais poder para buscar mais milhões. Em termos de utilidade social e dinamização econômica, o dinheiro é mais produtivo na base da sociedade.

Dinheiro na mão dos pobres gera consumo, o que estimula produção, investimento e empregos. Dinheiro na mão dos muito ricos gera apenas especulação financeira, carros importados e contas no exterior. Rico útil é aquele que investe, gera emprego, bens e serviços e paga os seus impostos. O resto é parasita.



ECONOMISTA MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES (1930 – 2024)

Tratou de assuntos variados, mas há uma preocupação em toda a sua obra: o desenvolvimento de países “periféricos”, com especial ênfase no caso brasileiro, e a situação de grandes contingentes da sua população, que são excluídos economicamente.

O problema é ainda haver somente a predominância do setor primário-exportador por meio do qual se reproduz baixo progresso técnico, deterioração dos termos de troca e a manutenção da condição periférica.

Importância do mercado interno:

Ela destacou a relevância de fortalecer o mercado interno de um país como base para o crescimento econômico sustentável, incentivando o consumo e a demanda interna.

Teoria da dependência:

Ela falava sobre a **Teoria da Dependência**, que analisa as relações de poder desiguais entre países desenvolvidos e em desenvolvimento e mostra o quanto a dependência econômica dificulta o progresso dessas nações.

Educação e capital humano:

Defendia que investimentos em educação e formação de capital humano são essenciais para o desenvolvimento econômico e social de um país.

"Ninguém come PIB"

JORNALISTA ELIANE BRUM (VIVA)

Obra: "A vida que ninguém vê"



"É que as piores deformações são as invisíveis."

"Cuidar é escutar a demanda da vida. É não tratar como morte o que é vida e como coisa o que é gente."

"Nas andanças pelo Brasil que, muito mais tarde, eu faria como repórter, escutei de homens e mulheres das mais variadas geografias uma expressão que revela a finura da linguagem do povo brasileiro: 'Sou cego das letras'. Era como expressavam, em voz sentida, sua condição de analfabeto."

Valoriza as narrativas pessoais e a subjetividade como formas legítimas de abordar questões sociais e políticas: histórias individuais têm o poder de revelar verdades coletivas e despertar empatia no coletivo.

"Não há democracia possível sem justiça social."

"O jornalismo não é uma atividade neutra, é uma escolha ética. Escolher contar histórias que contem o mundo, que ampliem a vida, que ampliem a visão do mundo."

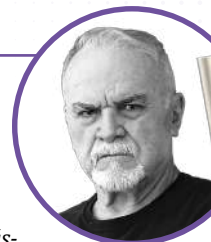
"O papel do jornalista é tornar visível o invisível, dar voz aos silenciados, narrar as histórias que não são contadas."

"A literatura e o jornalismo têm o poder de nos fazer enxergar além das aparências, de nos conectar com a humanidade e de nos fazer refletir sobre nosso papel no mundo."

"A esperança não é ingênua, ela é o combustível que nos impulsiona a agir, a buscar mudanças e a acreditar que um mundo mais justo é possível."

ANTROPÓLOGO ROBERTO DAMATTA (VIVO)

Obra: "O que faz o Brasil, Brasil?"



"Devo começar explicando o meu enigmático título.

É que será preciso estabelecer uma distinção radical entre um "brasil" escrito com letra minúscula, nome de um tipo de madeira de lei ou de uma feitoria interessada em explorar uma terra como outra qualquer, e o Brasil que designa um povo, uma nação, um conjunto de valores, escolhas e ideais de vida.

O "brasil" com o b minúsculo é apenas um objeto sem vida, autoconsciência ou pulsação interior, pedaço de coisa que morre e não tem a menor condição de se reproduzir como sistema; como, aliás, queriam alguns teóricos sociais do século XIX, que viam na terra – um pedaço perdido de Portugal e da Europa – um conjunto doentio e condenado de raças que, misturando-se ao sabor de uma natureza exuberante e de um clima tropical, estariam fadadas à degeneração e à morte biológica, psicológica e social.

Mas o Brasil com B maiúsculo é algo muito mais complexo. É país, cultura, local geográfico, fronteira e território reconhecidos internacionalmente, e também casa, pedaço de chão calçado com o calor de nossos corpos, lar, memória e consciência de um lugar com o qual se tem uma ligação especial, única, totalmente sagrada."

"Nós, brasileiros, somos um povo marcado e dividido pelas ordens tradicionais: o nome de família, o título de doutor, a cor da pele, o bairro onde moramos, o nome do padrinho, as relações pessoais, o ser amigo do Rei, Chefe Político ou Presidente. Tudo isso nos classifica socialmente de modo irremediável. Jamais utilizamos o concurso público e a competição como algo normal entre nós, daí o trabalho que é fazer uma eleição honesta e disputada [fala-se, aqui, do Carnaval, exemplo de festa decidida pelo povo]. Ela implica, inclusive, algo que evitamos: dar opiniões e disputar vontades, revelando abertamente as nossas mais legítimas (e ocultas) diferenciações sociais (...)

Lógica Relacional:

Para o autor, a sociedade brasileira não poderia ser entendida de modo unitário, na base de uma só causa ou de

um só princípio social. Chamou esse processo de **lógica relacional**. Somos combinações, mesclas, misturas.

Dentre os pontos abordados na análise do antropólogo, 4 merecem destaque:

- ▶ A paixão brasileira pelo futebol
- ▶ Os significados culturais por trás das festividades nacionais
- ▶ A relação do brasileiro com a religião
- ▶ O jeitinho brasileiro como mediador de conflitos

Por que essa nossa relação com o futebol?

- ▶ **Código de integração:** o futebol ajuda uma coletividade altamente dividida internamente a afirmar-se como uma coletividade capaz de atuar de modo coordenado e de eventualmente vencer. Diferentemente da experiência vivenciada no cotidiano brasileiro – universo no qual as instituições de representação políticas estão há décadas desmoralizadas pela inflação e por práticas clientelistas.
- ▶ **Experiência com o extraordinário:** o futebol possui uma capacidade de proporcionar ao povo, sobretudo aos mais desalentados, a experiência de vitória e de êxito. Essa vitória que o mundo moderno traduz com a palavra mágica “sucesso” e que o sistema social hierarquizado e concentrador de riquezas do Brasil faz com que poucos possam experimentar. Por meio dos jogos, as massas brasileiras podem experimentar vencer com os seus times favoritos, sentem que o seu desempenho no estádio como torcida – como plateia sofredora que se dá sem reservas ao seu clube e heróis – produz resultados palpáveis e vitórias complexas.
- ▶ **Experiência da igualdade e da justiça social:** ao produzir um espetáculo complexo, mas governado por regras simples que todos conhecem, o futebol realiza simbolicamente que o melhor, o mais capaz pode efetivamente vencer. Que a aliança entre talento e desempenho pode conduzir à vitória. E melhor: as regras valem para todos: para os times comuns, para os times campeões, para ricos e para pobres, negros e brancos, são e doentes. O futebol nos dá uma lição de democracia, pois, conforme sabemos, vendo o nosso time jogar, as leis têm que ser obedecidas, pois são universais e transparentes.

Os significados culturais por trás das festividades nacionais:

Tanto a festa quanto a rotina são modos que a sociedade tem de exprimir-se, de atualizar-se concretamente, deixando ver a sua “alma” ou o seu coração.

A cultura brasileira é rica em símbolos e significados presentes na vida cotidiana, expressos em festas religiosas, futebol, carnaval – normalmente como fenômenos antagônicos.

Para a maioria de nós, há sempre uma oscilação entre rotinas e festas, trabalho e feriado, despreocupações e “chateações”, dias felizes e momentos dolorosos, vida e morte, os dias de “dureza” e “trabalho duro” do mundo “real” e os dias de alegria e fantasia desse “outro lado da vida” constituído pela festa, pelo feriado e pela ausência de trabalho para o outro (o patrão, o Governo, o chefe, o dono do negócio etc.).

Para nós, brasileiros, a festa é sinônimo de alegria, o trabalho é eufemismo de castigo, dureza, suor.

Dilema brasileiro: os brasileiros se encontram em um dilema entre as leis universais que regem a sociedade e as situações em que cada pessoa se salva utilizando seus contatos pessoais e relações. Isso resulta em uma sociedade dividida entre o indivíduo e a pessoa, com a malandragem sendo tratada como uma forma brasileira de enfrentar essas contradições (não se pode generalizar nunca, por favor).

O “jeitinho” brasileiro: o “jeitinho” é uma maneira simpática e desesperada de relacionar o impessoal com o pessoal. É uma forma de encontrar uma solução entre a pessoa que solicita algo, o funcionário que representa a lei e a própria lei, invocando relações pessoais ou outros fatores externos à situação.

Relativismo cultural:

Enfatiza a importância de compreender e respeitar diferentes perspectivas culturais sem impor nossos próprios valores e julgamentos.

Carnaval como espelho social:

Destaca a importância do carnaval como reflexo da sociedade brasileira, em que as hierarquias sociais são temporariamente invertidas e as pessoas podem desafiar as normas sociais.

Personalismo brasileiro:

Examina a noção de personalismo no Brasil, onde relacionamentos pessoais e conexões muitas vezes têm prioridade sobre regras e regulamentos impessoais. Explora o conceito de dualismo na sociedade brasileira especialmente devido à coexistência de regras formais e práticas informais. Ele explora a preferência brasileira pela informalidade e pela flexibilidade nas interações sociais, contrastando com estruturas sociais mais rígidas e formais encontradas em outras sociedades.

ESCRITOR E LÍDER INDÍGENA DAVI KOPENAWA (1956 – VIVO)

Obra: “A queda do céu”

Povo de mercadoria:

Quem só enxerga na floresta insu-
mos a serem extraídos a qualquer
custo.

Defesa dos direitos indígenas:

Luta incansavelmente pelos direitos e pela
autonomia dos povos indígenas. Ele defende o reconhe-
cimento e o respeito aos territórios indígenas, bem como
o direito dos indígenas de viverem de acordo com suas
próprias tradições e culturas.

Preservação da floresta amazônica:

É profundamente preocupado com a preservação da
floresta amazônica, que é o lar de seu povo e de muitas
outras comunidades indígenas. Ele destaca a importância
da conservação da biodiversidade e dos recursos naturais
da Amazônia para o equilíbrio ecológico do planeta.

Contra a exploração predatória:

É um crítico da exploração predatória da Amazônia seja
por meio de atividades ilegais, como garimpo e desmata-
mento ilegal seja por meio de políticas governamentais
que priorizam interesses econômicos em detrimento dos
direitos indígenas e da preservação ambiental.

Diálogo intercultural:

Acredita na importância do diálogo e do entendimento
mútuo entre diferentes culturas. Ele promove a troca
de conhecimentos e experiências entre os indígenas e a
sociedade não indígena, buscando uma convivência mais
harmoniosa e respeitosa.

Luta contra a discriminação e a estigmatização dos indígenas:

Denuncia a discriminação e o estigma enfrentados pelos
povos indígenas, combatendo estereótipos negativos e
lutando por uma maior valorização e respeito às suas
culturas e modos de vida.

***“Nós, indígenas, somos os verdadeiros guardiões
da floresta. Ela é o nosso lar, nosso supermercado e
nossa farmácia. Precisamos protegê-la para garan-
tir a nossa sobrevivência e o equilíbrio do planeta.”***

ESCRITOR E POETA ARIANO SUASSUNA (1927 – 2014)

Em sua obra *“Manifesto do Movimento
Armorial”*, de 1970, Suassuna propôs a
criação de uma arte erudita brasileira, ins-
pirada nas raízes culturais populares do
país, em especial do Nordeste.

Ele acreditava que a valorização dessas raí-
zes seria uma forma de combater o complexo de inferior-
idade em relação à cultura europeia, que historicamente
dominou o pensamento artístico brasileiro. A ideia era
promover uma fusão da cultura popular brasileira, como
a literatura de cordel, o repente, a música folclórica e as
festas populares com a cultura erudita.



Ele entendia que a base da cultura erudita vinha das nos-
sas tradições ibéricas, no decorrer dos séculos de história.

Baseou-se na ideia do escritor Machado de Assis, pois acre-
ditava que, no Brasil, havia dois países: O “Brasil oficial”, país
dos privilegiados, dos poderosos, e o “Brasil real”, que era o
dos pobres, dos desvalidos. Ariano se dizia “Nascido, criado,
formado e deformado pelo Brasil Oficial, mas que entendia o
“Brasil real”. Ele dizia, ainda, que o maior problema do país é
haver uma minoria formada e deformada pelo Brasil oficial
que negligencia a existência de um Brasil real.

Em relação à educação no Brasil, acreditava que a edu-
cação deveria ser um processo de formação integral do
indivíduo, e não apenas uma preparação para o mercado
de trabalho.

Criticava o sistema educacional brasileiro por ser muito
centrado no ensino de disciplinas técnicas e desconsiderar
as artes e as humanidades.

Defendia a criação de escolas que valorizassem o conhe-
cimento tradicional e popular, como a literatura de cordel
e as festas populares, e que formassem cidadãos críticos e
conscientes da sua identidade cultural.

***“Arte para mim não é produto de mercado. Arte é
missão, vocação e festa.”***

***“A única forma de um povo se desenvolver cultu-
ralmente é partindo da sua própria raiz, da sua
própria cultura, das suas próprias tradições.
É preciso olhar para trás para se construir um
futuro sólido.”***

"A cultura popular é a alma do povo. É a nossa identidade, nossas raízes. É preciso valorizá-la e respeitá-la, pois é por meio dela que nos reconhecemos como povo."



Pinturas feitas por Ariano Suassuna.
Fonte: <https://jornalnota.com.br/2023/08/09/10-pinturas-de-ariano-suassuna-para-voce-conhecer/>

HISTORIADORA E ANTROPÓLOGA LILIA SCHWARCZ (1957 – VIVA)

Obras: "Sobre o autoritarismo brasileiro" e "Brasil: uma biografia".



Há graves diferenças socioeconômicas entre pessoas, que são tratadas como inferiores por grupos e categorias sociais tradicionalmente dominantes. O resultado de anos de escravização e de subjugação ainda é sentido nos dias de hoje.

É o que a historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz chama de marcador social da diferença. No livro "Sobre o autoritarismo brasileiro", a historiadora afirma que toda sociedade elabora seus próprios marcadores de diferença, ou seja, transforma diferenças físicas em estereótipos sociais, em geral de inferioridade, e assim produz preconceito, discriminação e violência.

São categorias classificatórias compreendidas como construções sociais, locais, históricas e culturais, que tanto pertencem à ordem das representações sociais — a exemplo das fantasias, dos mitos, das ideologias que criamos —, quanto exercem uma influência real no mundo, por meio da produção e reprodução de identidades coletivas e de hierarquias sociais.

+ Anote aqui

ECONOMISTA CELSO FURTADO (1920 – 2004) MORREU (FOI TRISTE PRA GENTE)

Único brasileiro indicado ao Prêmio Nobel de Economia, em 2013, o economista Celso Furtado, por meio de uma bibliografia de mais de 30 livros, investigou a mecânica do subdesenvolvimento do país em uma abordagem holística, ou seja, pela totalidade das coisas – de forma interligada e interdisciplinar.



Estudou e refletiu sobre o desenvolvimento, o planejamento, as políticas econômicas e as questões regionais brasileiras. Dessa forma, por volta de 1950, o paraibano chegou à seguinte conclusão: o subdesenvolvimento não era uma etapa do desenvolvimento, mas uma condição estrutural. Em outras palavras, disse que os países não são "em desenvolvimento" ou "atrasados", como se dizia na época, pelo simples fato de que o subdesenvolvimento está vinculado a uma construção social, e não a um estágio. Logo, mesmo sendo o Brasil um país detentor de grandes recursos financeiros, não há como pensar em sair da periferia do capitalismo com tão graves problemas sociais; não há como ser rico enquanto mais da metade da população não tem acesso sequer a direitos básicos.

Como o subdesenvolvimento é uma condição estrutural, para rompê-lo são necessárias transformações muito significativas na sociedade.

SOCIÓLOGO BOAVENTURA DE S. SANTOS(1940 – VIVO)

Obra: A cruel pedagogia do vírus – 2021

"A crise não é sintoma, é um diagnóstico da sociedade".



É o que diz o lusitano Boa-ventura de Sousa Santos sobre as crises econômicas.

Apesar da comoção mundial provocada por ela, problemas agora discutidos já são realidades na vida da maior parte das pessoas há muito tempo.

O problema de saúde mundial provocado pelo vírus acelerou e escancarou questões enfrentadas pela maioria da população marginalizada do mundo.



Classe trabalhadora em transporte coletivo lotado em meio à pandemia da Covid-19.

Há uma forma atemporal de se encarar a gestão do dinheiro público em favor da sociedade: a suposta “crise financeira” permanente que é utilizada para explicar os cortes em todas as políticas sociais (saúde, educação, previdência social, degradação dos salários e outros).

Colonialismo insidioso:

O colonialismo é uma prática na qual um território exerce domínio político, cultural ou religioso sobre um determinado povo. O controle é exercido por meio de uma potência ou força política militar externa que deseja explorar, manter ou expandir seu território.

Na maioria das vezes, essa prática acontece sem o consentimento de seus habitantes, que, com a exploração, perdem parte de seus bens (solos, recursos naturais, moradia) ou possíveis direitos políticos que pudessem ter.

Dessa forma, a potência exploradora consegue se desenvolver às custas das riquezas encontradas nas colônias exploradas, que se tornam cada vez mais parte do Império explorador e reféns das suas ordens.

O Colonialismo não acabou, apenas mudou de forma ou de roupagem, e a nossa dificuldade é, sobretudo, a de nomear adequadamente esse complexo processo de continuidade e mudança.

Às populações e aos corpos racializados não é reconhecida a mesma dignidade humana que é atribuída aos que os dominam. São populações e corpos que, apesar de todas as declarações universais dos direitos humanos, são existencialmente considerados sub-humanos, seres inferiores na escala do ser, e as suas vidas pouco valor têm para quem os oprime, sendo, por isso, facilmente descartáveis.

“A grande armadilha do colonialismo insidioso é dar a impressão de um regresso, quando o que regressa nunca deixou de estar”

HISTORIADOR JOSÉ MURILO DE CARVALHO (1939 – 2023 – INFELIZMENTE MESMO)

Obras: “Cidadania no Brasil: um longo caminho” e “Os bestializados”



Do ponto de vista da estratégia dos grupos no poder, Carvalho resgata a complexa trajetória da construção da **cidadania** no Brasil. O autor percorre a história do esforço para construir o **cidadão brasileiro**, destacando os progressos até aqui obtidos e o longo caminho que falta percorrer.



“A desigualdade é a escravidão de hoje, uma doença que impede a constituição de uma sociedade democrática.”

“Cidadania no Brasil: o longo caminho.”

De acordo com José Murilo de Carvalho, a **CIDADANIA** é a **capacidade de coexistência de** três direitos: civis, sociais e políticos. Nessa perspectiva, **uma sociedade só contempla a cidadania plena quando articula esses três direitos.**

- ▶ **Direito civil:** ir e vir; agrupar-se em movimentos como sindicatos, fazer greve etc; possuir seus próprios bens (propriedade privada); livre organização religiosa ou mesmo ideológica.
- ▶ **Direito político:** resume-se ao ato de votar e ser votado, participar da vida política do país.
- ▶ **Direito social:** resume-se às ações governamentais e da sociedade civil organizada em ofertar serviços ao cidadão, tais como: **saúde** (hospitais, prevenção, medicamentos etc.), **educação** (escolas públicas de **qualidade**), **assistência social** Bolsa Família, Previdência Social, Direitos Trabalhistas etc.

Ex.: mesmo com um suposto aumento do número de vagas em hospitais, melhora das condições de ensino nas escolas públicas e um hipotético aumento em 300% do salário-mínimo, uma suspensão do direito ao voto e a retirada do direito das pessoas de se organizarem em partidos políticos seriam recuos na cidadania.

Desde a Independência, em 1822, até o final da Primeira República, em 1930, José Murilo de Carvalho discorre sobre o fato de esse período histórico se caracterizar pela **precariedade da cidadania** e pela **falta de efetividade dos direitos constitucionalmente previstos.**

A cidadania era, para o autor, apenas uma formalidade legal, uma promessa **teórica** sem efetividade **prática.**

Segundo ele:

"Mudam-se os movimentos políticos, mas a falta de povo é a mesma."

"Tanto na Independência quanto na Proclamação, o povo não tinha lugar no sistema político, seja no Império, seja na República."

"O Brasil ainda sustenta uma "cidadania operária"."

O que é isso de "Cidadania Operária"?

A **educação** tem um papel muito importante para que se possa exercer a **cidadania**, pois ela auxilia os indivíduos na compreensão de seus direitos, de tal forma que possam cobrar as autoridades, a fim de que elas realizem ações para **promoção da liberdade**, da **justiça social** e do **desenvolvimento socioeconômico**.

O problema é que: no Brasil, aconteceram primeiro as leis que contemplavam os direitos sociais. Somente após eles, surgiu a preocupação com a efetivação dos direitos políticos. Com isso, **a concepção de cidadania foi prejudicada**. Em um contexto de um Estado paternalista, a busca por um novo "salvador" na política enfraqueceu as consciências, evitando uma luta eficaz pela consolidação de direitos.

No que se refere aos **direitos sociais**, José Murilo de Carvalho lembra que a maior dificuldade que possuem para a sua implantação se encontra na **persistência das grandes desigualdades sociais** que caracterizam o país desde a Independência.

José Murilo de Carvalho conclui a sua obra destacando os desafios advindos do fenômeno da **fragilização do Estado-nação** em decorrência da crescente interdependência do mundo e do **aumento da cultura do consumo**, que impulsiona a **troca do status de cidadão pelo de consumidor**.

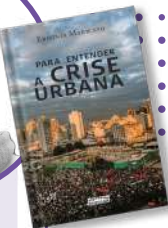
O que é mais desafiador para a cidadania é a **incapacidade do sistema político representativo de produzir resultados que impliquem a redução das desigualdades e o fim da divisão dos brasileiros em pequenos grupos separados pela educação, pela renda, pela cor**.



Anote aqui

ARQUITETA E URBANISTA ERMÍNIA MARICATO (1947 – VIVA)

Obra: "Para entender a crise urbana"



Lei nós temos. O estatuto da cidade é ótimo. Constituição Federal nós temos. Só que nós não aplicamos a função social da propriedade. Só terminando aquilo. A nossa lógica é que a mão de obra barata de que o Celso Furtado falava muito, que garante a exportação de riqueza, que garante uma elite conspícua, que é patrimonialista, que se agarrou a este Estado e fez dele o que fez, tem a lógica de que nós temos que ter uma mão de obra absolutamente rebaixada no seu preço para poder segurar essa relação.

Melancolia coletiva:

A melancolia, segundo Maricato, também tem um caráter social. Nesse sentido, o melancólico é o estado daquele que se sente impotente, no caso das pessoas que vivem nas cidades, diante da construção opressora e excludente das cidades. Segundo ela, a condição econômica, política e social influenciará na saúde mental de cada indivíduo. O tempo de transporte, a localização de moradia, estudo e trabalho, a concentração de emprego e outros fatores fazem parte desse processo de exclusão da população periférica, por exemplo.

A vida urbana, principalmente nas grandes metrópoles, tem revelado um alto grau de desencanto e solidão. Isso em um país que passou de "nada dava certo" para "país do futuro" ou "do presente" sem resolver, na mesma intensidade com que se preocupou com slogans, a escandalosa desigualdade de sempre.

Conceito de autoconstrução:

Na obra *"A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial"*, Ermínia traz o conceito de autoconstrução, que é um sistema de construção habitacional destinado à população de baixa renda, em que o futuro proprietário ergue a moradia com o próprio trabalho. Esse processo, no entanto, estende-se à construção de igrejas, escolas primárias, creches e centros comunitários, ou ainda para o espaço urbano na forma de melhoria de ruas, calçadas, pontes etc.

FILÓSOFO ACHILLE MBEMBE (1957 - VIVO)

Obra: Necropolítica



Necropolítica é um termo cunhado em 2003 por Achille Mbembe ao investigar, em sua obra, a maneira como os governos decidem quem viverá e quem morrerá e de que maneira.

O necropoder é considerado, pelo autor, um elemento estrutural do capitalismo neoliberal de hoje, atuando por meio de práticas e tecnologias de gerenciamento de morte de certos grupos e populações. Para ele, o sistema capitalista é baseado na distribuição desigual da oportunidade de viver e de morrer. Essa lógica do sacrifício sempre esteve no coração do neoliberalismo, operando com a ideia de que uns valem mais que outros. Quem não tem valor pode ser descartado.

Funciona assim: é apresentado o discurso de que determinados grupos encarnam um inimigo (por vezes fictício). A resposta é que, com suas mortes, não haverá mais violência. Assim, matar as pessoas desse grupo pode ser aceito como um mecanismo de segurança. A ditadura no Brasil foi um desses momentos, segundo o autor camaronês, pois os 21 anos do regime autoritário resultaram em mortes e corpos desaparecidos.

À época, quando um opositor ao regime era preso, torturado ou assassinado, o corpo era considerado um inimigo visível e determinado que merecia um fim. O discurso promovido tinha o poder de estabelecer parâmetros aceitáveis para tirar vidas e controlar as pessoas.

Além desse exemplo, o autor considera que, no Brasil, exemplos atuais desse tipo de conduta podem ser vistos na guerra ao tráfico e à criminalidade seletiva, mas principalmente nas prisões, no tratamento da população carcerária, com punições com foco na privação de liberdade em lugares superlotados e com baixas condições sanitárias. Para quem não tem dinheiro, claro.

AMBIENTALISTA AILTON KRENAK (1953 - VIVO)

Obra: Ideias para adiar o fim do mundo



Uma dupla-exploração predatória, injusta e suicida. É um absurdo insistir na dupla exploração (sociedade-natureza)

para manter padrões injustos e suicidas **de produção, de consumo, de desperdício e de acúmulo de capital.**

Em vez de pensar sobre uma reconfiguração das relações e dos espaços, adotam-se termos e narrativas **para justificar** as agressões à natureza por parte das grandes corporações: é o mito da sustentabilidade.

JORNALISTA JOSÉ ARBEX (1957 - VIVO)

Obra: "Showrnalismo": a notícia como espetáculo



"Auschwitz do pensamento" é o termo usado para designar o fenômeno acerca dos meios de comunicação quando são capazes de disciplinar o pensamento das pessoas.

A massificação das imagens resulta em um apagamento das fronteiras entre o real e o fictício e isso faz com que haja o monopólio da informação e a dificuldade de estabelecer uma fronteira entre notícia e espetáculo.

HISTORIADORA SUELI CARNEIRO (1950 - VIVA)

Obra: "O epistemicídio brasileiro"



"Epistemicídio" é um conceito, elaborado por Boaventura de Sousa Santos, que trata da **destruição de formas de conhecimento e de culturas que não são assimiladas pela cultura do Ocidente que domina**, ou seja, fala sobre a produção do conhecimento científico construída de acordo com um único modelo.

O mundo, apesar de sua complexidade, ganhou contornos monoculturais que barram a popularização de outras formas de conhecimento caso destoem do modelo vigente.

Atenção


Boaventura de Sousa Santos criou e popularizou o termo epistemicídio; Sueli Carneiro articulou esse conceito à situação histórica brasileira.

"Sepultamento de saberes":

É como se tivéssemos adotado um sistema de aquisição do conhecimento que validasse apenas algumas formas de pensar e de produzir cultura – normalmente vindas dos próprios colonizadores, os quais instituíram quais tipos de saber (e de referência) seguir. Todas as outras formas de pensar são "sepultadas". Naturaliza-se a exclusão, o preconceito, a invisibilidade... (As coisas são assim porque sempre foram assim).

FILÓSOFO BYUNG-CHUL HAN (1959 – VIVO)

Obra: "Sociedade do cansaço"



O cansaço é uma resposta do corpo para o excesso de positividade e de cobrança que a sociedade impõe. A violência da positividade é mais uma das articulações da sociedade do cansaço para produzir pessoas mecanizadas e centradas no que é essencial para um sistema: a busca pelo lucro.

A cobrança pelo desempenho atinge as inseguranças dos indivíduos ao tentar trazer propósitos exagerados para o sucesso.

Com a eclosão da Covid-19, houve a migração da realidade de estudos, de trabalho e de relações para o mundo virtual. Estar o tempo todo conectado com o mundo digital provocou um cansaço excessivo e uma série de distúrbios de saúde, como sedentarismo, miopia, transtorno de desvio de atenção, depressão, dismorfia corporal e ansiedade.

O contato constante com as redes sociais promove a "sociedade do igual" que tenta se homogeneizar pela comparação nas mídias.

A "sociedade de desempenho" conceitua um meio social que cobra constantemente por produtividade e resultado dos seus indivíduos, pois as pessoas se colocam em uma posição de autoexploração, permeada de medo, de pressão e de angústia em decorrência do **hiperconsumo, que é uma busca incessante por multiplicar conquistas e nunca se satisfazer com aquilo que se adquire.**

A pessoa, que se acha capaz de tudo e exige de si mesma o desempenho em uma série de tarefas, acaba enraizando uma cobrança que a priva de lazer e de descanso (atividades fundamentais para a saúde física e mental).

Não se sentir uma pessoa cansada em meio a uma sociedade cansada é praticamente impossível. Acontece que os

sintomas desse distúrbio refletem em todos os indivíduos e a cobrança por produtividade e sucesso é quase geral.


O excesso de positividade presente na contemporaneidade culmina na criação de uma "sociedade do desempenho", um cenário em que a produtividade se torna um direcionador para os indivíduos. Han afirma que a sociedade do desempenho seria um contraponto à sociedade disciplinar postulada pelo filósofo francês Michel Foucault no século XX. Para ele, o sujeito do desempenho é mais rápido e produtivo do que o indivíduo obediente, mas o poder se transforma em uma espécie de dever.

"A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade do desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais 'sujeitos da obediência'. São empresários de si mesmos. (...) No lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação. A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo não. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados."

"O poder eleva o nível de produtividade que é intencionado através da técnica disciplinar, o imperativo do dever."

HISTORIADOR RODRIGO BIONE (1983 – VIVÍSSIMO000)

Obra: "Nós, humanos"



O termo eugenia (bem-nascido) foi criado por Francis Galton (1883). No Brasil, mantém-se um comportamento eugenista, ou seja, baseado na classificação humana, como se houvesse superiores e inferiores.

Eugenia é a pseudociência baseada na classificação. Para ela, existem superiores e inferiores, puros e degenerados. A eugenia buscava negar a existência premissa básica iluminista de que todos os homens nascem iguais.

Um negro pobre capturado vendendo drogas é tratado nas manchetes de forma direta como "traficante", enquanto um rico preso por tráfico, em contraste, é comumente chamado pela mesma imprensa de "jovem empresário" que foi pego "comercializando entorpecentes".

Para o pobre, o tráfico é parte de sua essência, ele é um traficante. Para o rico, uma prática errada, uma situação infeliz, algo que pode ser corrigido.



Estamos juntos nessa!



CURSO
FERNANDA PESSOA
ONLINE

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.